

A Luta de Classe

ORGAO CENTRAL DA LIGA COMUNISTA-INTERNACIONALISTA (Bolcheviques-Leninistas) (S. B. L. C. I.)

NUM. 26 ANNO V

AGOSTO DE 1935

PREÇO \$100

Staline assignou o attestado de obito da III Internacional

Carta aberta ao proletariado mundial

Staline assignou com o renegado Laval o attestado de obito da III Internacional. Hoje não ha mais nem um só operario, mesmo o mais atrozado politicamente, que não saiba que os burocratas sovieticos acabam de trahir definitivamente o proletariado internacional. Pela primeira vez, Staline disse abertamente a verdade, isto é, repudiou aos olhos do mundo o internacionalismo revolucionario e passou para a plataforma do social-patriotismo. Levou a sua trahição aberta ao conhecimento de seus lacaios da França por intermedio de um ministro burguez, por sua vez tambem trahidor da classe operaria de seu paiz. Os burocratas estipendiados do stalinismo francez tiraram dali immediatamente as consequencias necessarias e Vaillant-Couturier, no seu artigo, completa a trahição com a ignominia.

Quando a massa operaria é mobilizada no caminho da revolução, quando as camadas camponesas se movem e entram vigorosamente na luta politica, quando a pequena burguezia, atingida directamente por uma crise economica cada vez mais profunda, se radicalisa em conjunto, esse burocrata ousa escrever que não ha mais sabida para a acção independente do proletariado na sua luta revolucionaria contra a propria burguezia, que todos os esforços fracassaram e que, para acudir á invasão da U. R. S. S., outra coisa não restava senão entregar-se ao imperialismo francez. Terminava assim na objecção á trahição de seu mestre.

A III Internacional tornou-se aos olhos de todos o agente diplomatico do stalinismo, coberto de erros e de crimes e que acaba de dar abertamente o passo decisivo no sentido da união sagrada.

Atestamos os factos.

BREST-LITOVSK E O PACTO

O pacto Staline-Laval situa-se no mesmo plano que a paz de Brest-Litovsk. O governo sovietico entra numa alliança militar com um governo imperialista, não pelo seu bello prazer, mas para não ser esmagado. Em todo o caso é a unica justificação possivel. Mas é ali que começa a mystificação. A paz de Brest-Litovsk era uma derrota, e hoje se declara a quem quizer ouvir que o pacto seria uma grande victoria da U. R. S. S. Não é necessario tentar comparar a relação de forças com a de hoje. Os factos responderam por si mesmos. Quaesquer que sejam as diferenças na situação mundial e na relação de forças o tratado franco-sovietico, do ponto de vista politico e dos principios, se colloca absolutamente no mesmo plano que o tratado de Brest-Litovsk. "Os communistas e os socialistas deverão nesse caso votar no parlamento pela ratificação do accordo franco-sovietico"? E isto independentemente de saber se a diplomacia sovietica foi realmente forçada a assignar esse tratado ou não.

Voltemos ao exemplo historico de Brest-Litovsk. Os social-democratas allemães votaram no Reichstag pela sua ratificação declarando que, já que os bolcheviques o aceitavam, não tinham razão alguma para oppor a ella. Os bolcheviques replicaram: "Sois uns canalhas. Nós fomos materialmente forçados a negociar para não sermos esmagados, mas vós sois politicamente livres de votar pró ou contra e vosso voto significa a confiança ou a desconfiança para com a vossa propria burguezia".

Se podemos admittir que o governo sovietico seja verdadeiramente forçado a concluir uma alliança militar com o imperialismo francez, o proletariado deste paiz porem não o é do modo algum. Pelos seus votos no parlamento, os deputados socialistas e communistas não têm que se pronunciar sobre as razões e motivos da acção do governo sovietico, "mas exclusivamente sobre as razões e motivos do governo Plandin-Laval". Se votassem a confiança a esse governo seria uns canalhas com os social-democratas allemães de 1918.

STALINISMO E A UNIÃO SAGRADA

Ainda hontem os Thorez & Cia. affirmavam: "Amamos o nosso paiz mas não podemos reconhecer a defeza nacional sob o regime capitalista". Si esta formula tem sentido, significa: não podemos confiar á nossa burguezia a tarefa de defender o "nosso paiz" (que aliás não é "nosso"). Hoje, diz-se: "com o coração apertado faremos causa commum com a nossa burguezia para defender a U. R. S. S." Mas nós perguntamos: "como é que a burguezia franceza, que não serve para defender o "nosso bem amado paiz" seja bastante boa para defender a U. R. S. S.?" Toda a questão está ali. Não ha parada em meio do caminho. Amanhã essa mesma gente será obrigada a proclamar "com dor no coração faremos causa commum com a nossa burguezia para defender o nosso povo contra a barbaria hitlerista, porque apesar de tudo o povo francez tem o direito de exigir o mesmo sacrificio de seus heroes que o povo russo".

"A nova posição do partido communista não representa nada de novo, é apenas social-patriotismo".

O PERIGO DE GUERRA TEM DELIMITAÇÃO NACIONAL?

"Mas o perigo immediato vem do fascismo allemão, poderão objectar, e por isso é preciso fazer bloco contra elle". Este é um argumento sufficiente para tal ou qual combinação diplomatica do governo de Moscou. Esta concepção nada tem quer ver porem com o marxismo. Sempre affirmamos que o perigo de guerra é o producto inevitavel dos antagonismos imperialistas mundiaes. O que produz o fascismo allemão como os perigos de guerra são as forças productivas enormes do capitalismo allemão que procuram escoadouros, que não podem deixár de procural-o qualquer que seja o regime politico do paiz. Os capitalismos mais progressistas da Europa soffocam dentro dos quadros do Estado nacional. A França marcha de mãos dadas com a Italia fascista, com a Inglaterra quasi-democratica, contra a Alemanha fascista.

Já esquecemos que o trabalho revolueorio por occasião da ultima guerra consistia precisamente em denunciar a propaganda da Entente que pretendia agir em nome da democracia contra os senhores feudaes prussianos e contra os Hohenzollerns? Lustraram os velhos "elichés" afin de disfarçar os antagonismos imperialistas com pretensos conflictos de systemas politicos.

"Por este caminho se chega rapidamente á idealização da democracia franceza tal como é em opposição

á Alemanha hitlerista".

Aqui também não se pode parar em meio do caminho. Repetimos: "é a política do social-patriotismo".

A TAPEAÇÃO DA THEORIA DO "AGRESSOR"

A noção do "agressor" é muito útil para a diplomacia no seu jogo infernal, mas é nefasta para a orientação do proletariado. Para combater o supposto agressor, a França protege Mussolini deixando-lhe uma ampla liberdade de acção na Abyssinia, e também em relação á Austria. Ora precisamente o predomínio crescente da Itália sobre a Austria pode chegar o ferro em brasa no nacionalismo alemão e provocar o desencadeamento da guerra. Trata-se de antagonismos permanentes que se aprofundam e se exacerbam. Sua explosão inevitável e as medidas preventivas dos Estados capitalistas podem e devem pelo contrario provocar a catastrophe.

O SOCIAL-PATRIOTISMO LEVA

A U. R. S. S. Á RUINA

"Tudo isso pode estar muito certo, responderão, mas de qualquer modo não é preciso evitar o perigo mais immediato que é mesmo a Alemanha hitlerista?" Antes de mais nada façamos esta observação: ainda hontem o Comintern propagava na Alemanha a palavra de ordem de "libertação nacional", o que não era possível realizar-se sem a guerra. Hoje pretende-se defender o statu-quo de Versalhes para evitar a guerra. Quando se abandona a posição da luta de classes e da revolução internacional e se começa a procurar a salvação fora da luta revolucionaria contra o seu proprio governo, em seu proprio paiz, está-se perdido. Hoje cobre-se a propria traição pela necessidade de "salvar a paz", amanhã, quando estalar do mesmo modo, continuar-se-á na traição para salvar a democracia ou para salvar a U. R. S. S. Embora não a paz, nem a democracia, nem a U. R. S. S. possam ser salvas pela abdição do proletariado francez.

Se depois de um novo esmagamento da Alemanha, a França, a Italia, a Inglaterra se levantassem contra o seu alliado passageiro acreditam que se poderia de um golpe separar o proletariado da burguesia que, com a ajuda dos partidos operarios teria conseguido erigir-se em senhora da nação, amordaçando e desmoralizando pela união sagrada a classe operaria?

"Desperdiçar o unico capital de que dispomos, a independencia revolucionaria do proletariado a troco de combinações diplomaticas precarias, equivoas, instavéis, equivaleria a barrar completamente o futuro revolucionario. O crime fundamental do reformismo consiste precisamente em indo atraz de sombras de reformas emmascarar o proletario pela collaboração de classe. Esta politica é dez vezes, cem vezes, mil vezes mais criminosa quando se trata não de um periodo pacifico de combinações parlamentares, mas da guerra que concentra todos os meios de oppressão e de esmagamento nas mãos da burguesia e só deixa ao proletariado uma arma: a sua independencia politica, o seu odio contra a burguesia, a sua vontade revolucionaria.

"Quem aliás tem o direito de affirmar que a snjeição do proletariado francez em face de sua burguesia fará inevitavelmente o fascismo alemão temer e recuar? Isto não seria somente, uma affirmação gratuita mas com o tempo seria justamente o contrario.

Hitler ainda não domou moralmente o proletariado alemão. Para conseguil-o, a propaganda nazista serve-se deste argumento: "estão nos cercando, nos odeiam, querem nos esmagar", trata-se de uma luta de raças. Já o facto do Estado operario se veja forçado a fraternizar com a burguesia franceza contra a Alemanha reforça a posição dos nazistas em relação ao proletariado alemão. Se o proletariado francez adhere deliberadamente a esta alliança abdicando de sua independencia de classe, a theoria da luta das raças fará na Alemanha um progresso enorme em detrimento da theoria da das classes. Impellido pela onda nacionalista irresistivel que elle mesmo desencadeou Hitler pode ver-se obrigado a provocar a guerra.

Ao contrario, a opposição aberta, irresistivel, evidente do proletariado francez para com o seu proprio imperialismo será um desmentido do racismo e dará um poderoso impulso á revolução alemã.

A TRAIÇÃO DE STALINE E A CRISE NA U.R.S.S.

A U. R. S. S. participou activamente em Genova na elaboração de medidas contra o terrorismo e os terroristas. O ponto de partida do caso foi o assassinato do rei da Yugo-Slavia. Nós os marxistas, somos adversarios do terrorismo individual, mas sempre tomamos a defesa dos terroristas nacionais contra a repressão imperialista. Esta tradição elementar é agora abandonada, transformando-se a U. R. S. S. no plano das lutas nacionais a columna da ordem estabelecida e do statu-quo.

A luz do comunicado Staline-Laval os operarios internacionais começam a comprehender melhor porque Staline empenhou uma nova perseguição sangrenta contra os bolcheviques-leninistas e o grupo de Zinoviev. Antes de entregar definitivamente o

Kremlin á burguesia, foi necessario abater e exterminar tudo o que poderia levantar um grito de protesto.

O STALINISMO EM SOCCORRO DO SOCIAL-PACIFISMO

O stalinismo, eis o inimigo! Mas já não se trata de esquecer ou de desconhecer o reformismo. A politica trahidora dos stalinistas lhes traz um immenso apoio. Blum e Paul Faure apregoam desde já abertamente a ideia de defesa do "solo patrio", porque estes phariseus também ainda não admitem a defesa "incondicional".

A "estupidez" de querer "condicionar" a defesa do Estado nacional burguez, ou do proletario, é patente a todos. Se nosso paiz, tal como é, é digno de ser defendido, deve ser o qualquer que seja a origem da guerra: seria absurdo punir "nosso paiz" por causa dos erros ou crimes dos Laval e consortes. "Para nós é o caracter do classe que decide, e não a politica do governo". Recusamos os oramentos aos governos mais democraticos do Estado burguez e defendemos a U. R. S. S. apesar e contra Staline com as suas ignomias.

Mas o absurdo da defesa "condicionada" do Estado burguez tem contudo um serio significado politico. Se Blum concedesse a burguesia tudo o que ella pede, em nada se distinguiria de Herriot ou mesmo de Louis Marlu. Perderia a confiança do proletariado e passaria a ser um zero. Praticando o pacifismo até o desencadeamento da guerra, elle guarda a possibilidade de prestar á burguesia um duplo serviço durante a guerra: uma grande parte do proletariado dirá: "si este pacifista temporado entra agora no circulo da união sagrada é que a guerra é justa". Para poder effectuar esta missão Blum deve recusar as ordens de Staline. Esse jogo perdido é enormemente facilitado pela roviravolta social-patriotica dos stalinistas.

A SOCIEDADE DAS NAÇÕES

E A FE' EM BLUM

Leon Blum & Cia. se queixam de que o communicado não se refere bastante á Sociedade das Nações. Entretanto a C. A. P. elaborou em Janeiro ultimo o famoso programma que proclama a necessidade de destruir a armatura do Estado burguez e oppor-lhe os interesses do povo trabalhador, inclusive o interesse da paz. Que é a Sociedade das Nações? É também a armatura do Estado burguez ou de alguns Estados burguezes reunidos e ao mesmo tempo antagonicos. Se a armatura do Estado burguez é digna apenas de ser destruida como se pede basear no esperança de um melhor futuro na Liga das Nações oriunda desta mesma armatura?

O jacobinismo ensinava que a democracia ou que o Estado democratico ("armatura burgueza") vê a sua sorte melhorar successivamente e que elle progride lentamente mas constantemente para o socialismo. Com essa perspectiva a Liga das Nações devia naturalmente encontrar um lugar para ella de onde pudesse regular as relações internacionais dos democraticos.

Agora não somente Pivert e Zyromsky, mas também Blum e Paul Faure são obrigados a reconhecer a necessidade de derrubar e quebrar a armatura do Estado burguez. Como podem elles pois nessas condições conservar a sua fé na Liga das Nações?

A mesma pergunta se levanta a respeito do desarmamento. Zyromsky lamentou ver o seu novo amigo Látviaov abandonar as palavras de ordem do desarmamento em favor da segurança collectiva. Esse mesmo Zyromsky refutou no seu ultimo artigo o "social-pacifismo" na politica interna isto é a esperança de resolver a questão social por accordo amigavel. Zyromsky não comprehende que o social-pacifismo exterior é o inverso da medallha do social-patriotismo interno. Se a burguesia deixá-se desarmar para assegurar a paz, ella ver-se-á também por isso mesmo desarmada na sua luta contra o proletariado. Vemos aqui a mesma contradicção que na questão da Liga das Nações. Reconhece-se verbalmente pelo menos a necessidade para o proletariado de armar-se e conquistar pontos de apoio poderosos no exercito burguez afim de levar á victoria a luta das classes no interior. Ao mesmo tempo querem comprometter-se a assegurar a paz sob o regime capitalista pelo desarmamento geral. Porque fazer então a revolução contra uma burguesia humanitaria que deixar-se-á desarmar por um simples convenio da Liga das Nações.

A solução deste enigma é muito simples, essa gente não tem a menor confiança nem na revolução nem na destruição da armatura do exercito burguez. Aliás elles o demonstram ao repetir a palavra de ordem de "desarmamento das ligas fascistas". Zyromsky não comprehende que esta famosa reinvidicação revolucionaria é á incarnação do mais estúpido social-pacifismo.

DEVEMOS SUSTENTAR AS ALLIANÇAS ÚTEIS AO GOVERNO SOVIETICO?

"Entretanto, vão nos replicar, você mesmo, bolchevique-leninista, reconhece o direito do governo so-

O Fracasso da A.N.L. e as Tarefas da Vanguarda Operaria

A Aliança Nacional Libertadora desapareceu do cenário político, como movimento organizado.

A sua direcção mostrou-se absolutamente incapaz de prover um palmo diante do nariz. Enganou-se a si mesma e enganou as massas que a apoiavam. Deixou-se provocar pela reacção

burgueza-policial (a imprensa, o integralismo e a policia de mãos dadas) com a mesma facilidade com que o otario cahe no conto do vigario.

1.º — Já no anno passado a vanguarda proletaria, ainda, (Continua na 4.ª pagina)

vietico concluir alianças com Estados imperialistas afim de salvar-se de um perigo eminente. Não devermos pois, nós outros, operarios francezes, sustentar essas alianças enquanto forem uteis ao governo operario?"

Absolutamente, de modo algum! Já mostramos porque os socialistas allemães tinham o dever de combater a paz de Brest-Litovsk embora ella tivesse sido absolutamente necessaria para a existencia dos Soviets num certo momento.

Retomemos a mesma questão mais concretamente e mais praticamente. O derrotismo revolucionario não significa de modo algum a sabotagem da pseudo defesa nacional por uma minoria activa. Seria absurdo attribuir aos operarios revolucionarios a idéa, em caso de guerra, de fazer saltar as pontes, as estradas de ferro, etc... Os operarios revolucionarios, "enquanto forem minoria", teriam que participar da guerra como escravos do imperialismo, conscientes de sua escravidão. Ao mesmo tempo elles prepararão pela palavra e a propaganda a transformação da guerra imperialista em guerra social.

Se a U. R. S. S. consegue o auxilio militar da França burgueza, em caso de uma aggressão do imperialismo allemão (o que de modo algum é coisa garantida) este auxilio dado pela burguezia que está no poder não seria entravado de nenhuma forma pelo facto da minoria revolucionaria continuar a cumprir o seu dever de preparar infatigavelmente a derrubada da burguezia, qualquer que fosse a ajuda militar do estado-maior imperialista (e esta ajuda será sempre precaria, equivooca, falsa).

O êcho revolucionario que seria provocado na Alemanha pelo movimento revolucionario na França seria um auxilio muito mais effizaz para a salvagão da U. R. S. S. e para o desenvolvimento da revolução mundial.

Se o movimento revolucionario na França em caso de guerra, tome uma tal força que ameace directamente a machina militar da burguezia e comprometa a sua alliança com a U.R.S.S., isto significaria que o proletariado francez é capaz de conquistar o poder na luta. Pensarão talvez em rebel-o nesta situação? Que o digam. Haveria risco de derrota? Evidentemente. A revolução como a guerra comporta riscos pois o perigo é o seu elemento essencial. Mas só os philistons miseraveis é que pensariam sair de uma situação internacional cheia de perigos mortaes sem nenhum risco.

Assim o derrotismo revolucionario não impede o governo sovietico de, sob a sua exclusiva responsabilidade, aproveitar-se de tal ou qual pacto, de tal ou qual auxilio militar imperialista. Mas essas transacções passageiras não podem e não devem de modo algum comprometter o proletariado francez e mundial, cuja tarefa é, sobretudo durante a guerra, preparar a liquidagão do imperialismo pela revolução victoriosa.

O PACTO FRANCO-SOVIETICO, COMO RESULTADO DAS DERROTAS MUNDIAIS DO PROLETARIADO

O pacto revela a fraqueza da U. R. S. S. e não a sua força. Esse novo tratado é o resultado da derrota na China, na Alemanha, na Austria, na Espanha.

"Desde que o factor revolucionario mundial enfraqueceu-se o governo da U. R. S. S. viu-se obrigado a adaptar-se ao factor imperialista". É essa a unica formula justa do tratado franco-sovietico.

Os burocratas do Kramlin que só enxergam o reforçamento da U. R. S. S. com isso apenas constataam a independencia do Estado operario em relação ao movimento operario mundial: quanto mais este ultimo sofre derrotas tanto mais se reforça a situação internacional da U. R. S. S. Essas affirmacões charlatanescas precisam ser expostas á condemnação.

Mas se por causa do esmagamento da revolução numa serie de paizes o governo sovietico foi forçado a fraternisar passageiramente com os oppressores do proletariado francez, isso não é uma razão para enfraquecer ainda mais este ultimo, desmoralizando-o, e de peorar assim a situação internacional, de fazer a revolução recuar e por conseguinte de ameaçar directamente a U. R. S. S.

A SALVAÇÃO ESTÁ NA POLITICA REVOLUCIONARIA DO PROLETARIADO

Quando se trata de acontecimentos de alcance mundial, o partido revolucionario não tem o direito de se deixar conduzir por consideracões secundarias, episodicas, conjuncturales e sempre problematicas. Elle precisa ver longe, preservando e accumulando a força revolucionaria da classe, de modo a poder influir melhor sobre todas as outras questões de segunda ordem: a politica revolucionaria é sempre tambem a mais pratica. O stalinismo, eis o inimigo! Elle enfraqueceu a U. R. S. S. porque entregou os operarios e camponozes chinezes á burocracia do Kuomintang, os operarios inglezes á burocracia do Trade Unions, etc... Espantado pelos resultados, elle procurou jogar a cartada do aventurismo do "terceiro periodo". Os resultados se mostraram ainda mais nefastos. Agora Stalino e Cia. perderam a confiança nas forças revolucionarias. Fazem diplomacia pura, isto é a mais suja. Só querem saber de concessões com tal ou qual imperialismo contra tal outro. Tem sobretudo medo de que os operarios francezes estraguem as suas combinações. Thorez e Cia. accetam esta concepção vergonhosa. Esses tambem consideram o movimento revolucionario como um obstaculo para a salvagão da U. R. S. S., e por isso accetam a ordem de punir e liquidar a revolução.

Transformam-se abertamente numa policia stalinista junto ao proletariado francez e, o que é ainda peor, a policia stalinista se torna ao mesmo tempo numa especie de policia do imperialismo francez.

O SOCIALISMO NUM SÓ PAIZ ACABA EM UNIÃO SAGRADA

Quando, nós, bolcheviques-leninistas, começamos a combater a theoria do socialismo num só paiz, poude parecer a muitos que isso era mais uma questão academica. Agora vê-se bem a função historica desta formula: ella tinha por tarefa separar á sorte da U. R. S. S. da sorte do proletariado mundial. Essa theoria creou para a burocracia sovietica uma base nacional que lhe permittiu concentrar todo o poder em suas mãos. A nova lei que torna passivel de pena de morte creanças de 12 annos, demonstra com uma eloquencia terrivel não somente que a URSS ainda está bem longe do socialismo como tambem que sob o commando da burocracia omnipotente a decomposição social de largas camadas operarias e camponozes adquiriram proporções formidaveis, apesar de todas as conquistas technicas pagas de modo tão caro pelos operarios e camponozes. É precisamente quando o perigo de guerra ameaga o Estado operario creado pela Revolução de Outubro que o governo da U. R. S. S. tira a ultima conclusão da theoria do socialismo num só paiz prostituindo o abc do marxismo, degradando a I. C. abaixo do papel desempenhado por Scheidemann, Noske, Renaudel, Vandervelde e Cia.

A III INTERNACIONAL É MORTA, VIVA A IV INTERNACIONAL!

Quando depois da capitulação do Comintern diante de Hitler nós proclamamos: é "o 4 de Agosto" da 3.ª Internacional, encontramos não poucos protestos: o "4 de Agosto", diziam-nos, foi uma trahição consciente, ao passo que a capitulação diante de Hitler foi a consequencia inevitavel de uma falsa politica. Vemos agora a superficialidade dessas apreciações puramente psychologicas. A capitulação diante de Hitler foi a expressão de um apodrecimento interior consequencia de erros e crimes que se tinham vindo accumulando. Est: apodrecimento ia significar em seguida a capitulação diante da guerra imperialista e previamente diante da burguezia imperialista que prepara a guerra. Eis porque o "4 de Agosto" da III Internacional já se achava incluso na capitulação diante de Hitler. A grande vantagem dos bolcheviques-leninistas foi tal-o constatado em tempo.

O leninismo foi trahido e vilipendiado pelo stalinismo. A tarefa urgente de hoje é reconstituir as fileiras da vanguarda do proletariado internacional. Para isso é preciso uma bandeira e um programma, e este e aquella não podem ser outra senão o programma e a bandeira da IV Internacional.

A III Internacional está morta. Viva a IV Internacional!

O SECRETARIADO INTERNACIONAL DA LIGA COMMUNISTA INTERNACIONALISTA (Bolcheviques-leninistas)

O Fracasso da A.N.L. e as Tarefas da Vanguarda Operaria

(Continuação da 3.ª pagina)

mal ou bom, representada pelo partido stalinista, fracassara lamentavelmente na tentativa de dirigir a grande vaga de greves de então, greves essas que foram todas acabar aos pés do ministro do trabalho, com as bênçãos de Pedro Ernesto & Cia. Em Outubro de 34, por ocasião das eleições, o stalinismo, já em franco recuo, diante do gangsterismo policial, perdera as esperanças de tomar o poder por conta própria e imediatamente.

Por seu lado, o "tenentismo", após as eleições, via-se pateticamente apoiado do poder e sem emprego. Por falta de gente e de função, o Club 3 de Outubro fechava as suas portas, melancolicamente. Os tenentes "revolucionarios" caíam, assim, um por um, no desemprego.

A Aliança Nacional Libertadora veio reagrupar os desempregados do "tenentismo" e os mencheviques furiosos e populistas iluminados do stalinismo.

2.º — Diante disso, o cálculo da burguezia foi rápido e simples. Como primeira válvula de segurança, ella transformou de repente Pedro Ernesto de reaccionario em socialisteiro, com o apoio tacito ou não, secreto ou não, de Getulio Vargas. Com isso, Pedro Ernesto garantiu a sua eleição a governador da cidade e meteu-se a domesticar a vanguarda proletaria do Rio. (A causa chegou a tal ponto que o orgão do chamado partido comunista, "A Classe Operaria", precisou desmentir que o P. C. se tivesse feito representar na posse do "dr. Pedro Ernesto" (conforme expressão textual daquelle jornal).

Pedro Ernesto organizou, sob a chefia do famoso Moreira Machado, uma "União Trabalhista Humanitaria", cedeu theatros e estadios aos comícios e congressos proletarios, interveiu nos conflitos do classe sempre para "proteger" os operarios, e até erou uma milicia municipal em rivalidade com a especial do Polinto Muller.

A demagogia pedroernestina foi tão longa que parte da burguezia, sobretudo a do Distrito Federal, alarmou-se e Getulio Vargas viu-se obrigado a cortar um pouco as azas do seu vassallo, constando até que o ministro da guerra mandou "desarmar" a policia do prefeito "humanitario".

3.º — Com este posto avançado no seio da massa, que representava a acção de Pedro Ernesto, o governo deixou que o barco da Aliança fizesse vela e ganhasse o alto mar das agitações da massa. Getulio Vargas quiz aproveitar-se da agitação aliancista pela supressão das dividas externas como uma especie de pressão de baixo, de apoio de massa á acção de seu ministro da fazenda junto aos banqueiros imperialistas quando da visita deste a Nova York e Londres. Os imperialistas não só não attenderam aos appellos e preces do ministro para a suspensão do pagamento das dividas, como não fizeram caso da "pressão de massa", exigindo a liquidação do movimento aliancista. O governo ficou assim só esperando o momento de agir.

Alguns jornaes burguezes então começaram a campanha pelo fechamento da A.N.L., com "O Globo" á frente. Primeiro, fizeram uma ligeira campanha contra Pedro Ernesto para que elle não tomasse muito a serio o seu "socialismo humanitario". Depois repetiram com a A.N.L. a fabula da rá, exagerando os seus successos, as suas forças e as suas perspectivas immediatas.

E a direcção da Aliança bançou de facto a rá: tanto chegou tanto ficou cheia de ar que pensou que já estava na hora de tomar o poder, e acabou estourando.

4.º — Os "tenentes" da A.N.L. herdaram que, com o nome de Carlos Prestes e o apoio do Partido stalinista, a ligação com as massas estava garantida. Os stalinistas, por sua vez, pensaram que tendo alguns "tenentes" e burguezes bem comportados e conceituados á frente do movimento, a legalidade deste estava assegurada. O factor de tudo era Pedro Ernesto. Como agitação, bastava a demagogia patrioteira da "A Manhã" e alguns comícios no Estadio Brasil "gentilmente" cedido pelo prefeito da cidade. Como direcção politica, de vez em quando, alguns conselhos hystericos de Luiz Carlos Prestes para que se fosse começando, de qualquer goito, a luta por esse mundo afora, "porque não havia tempo a perder". Como palavra de ordem, enfim, a charada do "governo popular nacional revolucionario" que ninguem até hoje conseguiu decifrar, nem dizer em que consiste nem qual o "seu caracter de classe".

5.º — O resultado dessa politica e dessa direcção foi o que se viu: depois da preparação do terreno feita com todo o cuidado,

o governo entrou em acção. Desde o dia 4 de Julho, á noite, a burguezia começou a contra-offensiva, e logo, ao primeiro golpe, com o fechamento de alguns syndicatos pela policia, começou tambem a revelar-se a impotencia pratica da direcção aliancista, que nada ponde fazer senão deitar phrases arrogantes.

Fallou muito em greve geral, depois em greves de massa, e acabou se contentando com grevinhas parciais, mesmo de caracter economico, (?) numa triste irresponsabilidade. E a não ser pequenas tentativas de protesto, aqui e acolá, como em São Paulo, levadas a effeito, sobretudo, pela ecragem da vanguarda proletaria, nada mais houve. A massa, (a propria vanguarda, em conjuncto), aguardou dos dirigentes aliancistas uma palavra de ordem clara, um signal qualquer que demonstrasse que elles viam a situação com lucidez, sabiam o que queriam, tinham qualquer plano de acção, estavam dispostos a executal-o.

O fracasso da direcção foi absoluto e total. E desse fracasso verganhoso foram igualmente responsaveis tanto os "tenentes" super-revolucionarios da Aliança como os grandes dirigentes de massa do P. C. B., com o seu messias Luiz Carlos Prestes.

Agora, ha de haver muito "dirigente" pequena burguez e "tenente" por ali para pôr a culpa do desastre, não na propria incapacidade, mas na "passividade" da massa, e dizer: "Foi a massa que não attendeu ao nosso appello, e nos trahi".

Ainda hoje, a direcção (?) da A. N. L. espera, para continuar a sua "luta pela emancipação nacional do Brasil", que os velhos burguezes do Supremo Tribunal lhe concedam o mandado de segurança. E enquanto espera pela sentença juridica, de vez por outra, sahe num canto de columna d'"A Manhã" um comunicado, ora pedindo aos seus adherentes (?) para pagarem suas mensalidades, ora afirmando que a A. N. L. está com vida.

Mas, pessoalmente, os seus dirigentes, cada qual já tomou o rumo individual que lhes coube. Uns, porque já desistiram da politica; outros porque foram montar o circo em outra freguezia, como os fundadores da tal União Libertadora do Brasil; outros, como Cascardo, Amorety, etc., porque o governo reaccionario os exilou para longe; e finalmente, outros porque voltaram ao aprisco da burguezia, abrigando-se no seio da minoria parlamentar, sob a protecção de democraticas marca Bernardes, ou Luzardo, o cynico deportador de operarios, ou do elegante João Novey, o "gigolô" do industrial integralista João Daudt de Oliveira.

Quanto aos porta-vozes officiosos da A. N. L. — "A Manhã" e "A Platéia" — se transformaram em orgãos da opposição burguezia.

Eis o balanço da campanha aliancista. Quanto aos estrategistas do stalinismo, estes ficaram fallando sosinhos. Não lhes adiantou a demagogia nacionalista e patrioteira em que caíram e com que desmoralizaram a bandeira internacionalista do comunismo.

6.º — A A.N.L. está morta. Somente alguns aliancistas mais renitentes ainda fazem cerimonia em afirmar que ella morren.

A politica da A.N.L. se caracterizou, ao mesmo tempo, pelo oportunismo mais scordido e o aventurismo mais completo. Os stalinistas, de todos os elementos que adhiram á Aliança, foram os mais responsaveis pelo seu fracasso, e foram os mais coherentes tanto no oportunismo quanto no aventurismo. Luiz Carlos Prestes, dentro do campo aliancista, foi o maior factor da derrota.

Primeiro, pelo seu demagogismo, ridicularizando o movimento, ao descobrir dentro do clero uma classe explorada e outra exploradora, ao apellar para os "padres pobres" (?) e procurando puerilmente jogar-os (?) contra os padres ricos. Depois, pelo seu menchevismo, esquecendo os seus primeiros manifestos e revelando o caracter de classe, "bem burguez", do movimento que pensou que estava "dirigindo", ao chamar á luta, na defesa de seus proprios interesses, "parte da burguezia nacional", isto é, da industria e do capitalismo nacionais. Finalmente, pela sua levandade aventurista, do pequeno-burguez frenetico, impaciente e impressionado com os primeiros successos, ainda superficiaes, da Aliança, num desconhecimento completo da situação objectiva, incapaz de calcular friamente as relações de forças reais, lançando a palavra de ordem da tomada do poder (?) fiado apenas na atmosfera de enthusiasmo dos comícios "legues" da Aliança, no mysticismo espontaneista das massas nas afirmações levianas e bravatas de alguns jornaes aliancistas, e no seu proprio illuminismo.

Arrastado pelo partido stalin-prestista ao movimento pequeno-burguez da A. N. L., o proletariado soffreu uma derrota com a liquidação daquelle. A responsabilidade por essa derrota desnecessaria cabe principalmente ao partido stalinista e a seu novo chefe e messias, Luiz Carlos Prestes.

7.º — Nós já dissemos que a A. N. L. era um "arremedo artificial do Kuo-min-tang, nascido em parto pelo fracasso do chamado partido comunista em dirigir as grandes massas exploradas na luta pelas suas reivindicacões. Essa tentativa acaba de fallar, como provimos.

Quando um partido de origem e composição proletarias deixa de ser, pelos seus erros, o representante da vanguarda da classe, e decahe na confiança desta, fracassando na direcção do movimento revolucionario de massa, não pode ser substituído por organizações intermediarias pequeno-burguezas do typo da Aliança.

(Continua na 5.ª pagina)

O Fracasso da A.N.L. e as Tarefas da Vanguarda Operaria

(Continuação da 4.ª pagina)

O que é preciso é que os elementos da vanguarda examino as causas dos insucessos, tirem as conclusões da experiencia, e tratem de forjar um novo instrumento revolucionario capaz de conduzir as lutas ultteriores das massas. O partido stalinista do Brasil fracassou, como todas as outras seções da ex-Internacional Communista, transformada hoje em agencia stalinista do novo reformismo nacionalista.

8.º — Em todo o mundo uma nova corrente revolucionaria surge que roergueu da lama, onde o stalinismo e a social-democracia a deixaram cahir, a bandeira do internacionalismo proletario, a bandeira de Marx e de Lenine. Esta nova corrente cresce diariamente nos Estados Unidos, cresce no Chile, na Africa e na China, cresce na Hollanda e na Espanha, cresce diariamente na França. A sorte do proletariado mundial, da revolução proletaria mundial, a sorte ulterior da União Sovietica, depende, hoje, exclusivamente, dos progressos dessa corrente. A guerra só será evitada com o triumpho da revolução proletaria que está em ordem do dia na França.

A revolução proletaria na França só poderá ser victoriosa se a nova corrente revolucionaria conseguir chegar a tempo de arrancar as massas da direcção trahidora dos burocratas corrompidos da segunda e da terceira Internacionais, que já agora se ajoelharam, a mando de Stalino, aos pés dos grandes burguezes do radical-socialismo, os Herriot, os Deladier, os Laval.

No Brasil é a mesma coisa. Objectivamente, a situação offerece enormes perspectivas. A crise financeira continua com a mesma agudeza, a inflação progride, o custo da vida augmenta paulatinamente. O aparelho financeiro do Estado depauperase de mais a mais. A moeda nacional oscilla perto do zero. A pressão imperialista cresce, o governo do Estado vive ao léo, e de sacola na mão, batendo ás portas dos banqueiros internacionais. Os mercados de café continuam saturados. A pequena lavoura continua escorehada pelos impostos e pelas hypotheças e empréstimos. A desvalorização da moeda equivale a uma formidável redução generalizada nos salarios dos trabalhadores. A situação continua pois no mesmo pé. As massas exploradas vivem num descontentamento e numa insatisfação profundas.

Falta apenas direcção ao movimento proletario. Mais do que nunca é esta tarefa do momento. É preciso que a vanguarda operaria se convença que é necessario voltar aos velhos mostrões do socialismo scientifico, ás lições da experiencia do movimento socialista revolucionario mundial. Devemos voltar quanto antes ás fontes heroicas do bolchevismo.

9.º — A politica pequeno-burgueza de "despistamento" da classe inimiga e do abandono "por tactica" (?) dos principios do communismo não adianta e só pode servir para desmoralizar a doutrina, corromper a consciencia da vanguarda e fazer o jogo do fascismo e da burguezia.

A experiencia actual da Alliança Nacional Libertadora deve bastar. No Brasil como na China, no Mexico, Cuba ou Bulgaria, a pequena burguezia não é capaz de dirigir com a nenhuma, e muito menos a luta contra o imperialismo. A pequena burguezia da cidade não é capaz de grande coisa. A pequena burguezia rural, os pequenos lavradores e camponezes, esses, são capazes de muito — mas tanto pode ser no sentido da revolução como da contra-revolução. Tudo, mas tudo, neste caso, depende, exclusivamente, de nós, de proletariado urbano, da sua organização politica, da sua capacidade de direcção e de decisão, seja qual for o numero especifico da classe operaria e o atrazo economico do paiz. A prova já nos foi dada na China, pelo Kuo-min-tang, e nos custou o massacre de milhares e milhares da heroica vanguarda do proletariado chinês. Na India, tambem, se o movimento não tomou ainda uma forma progressista e revolucionaria é porque continua sob a direcção pequeno-burgueza dos Gandhi. & Cia.

No Brasil, a primeira tentativa de Kuo-min-tang, com o bloco Operario e Camponez, de 1927 a 1928, já naquelle tempo em torno de Carlos Prestes, e que foi combatido em nome da hegemonia do proletariado, pelos elementos nucleadores da L. C. L. entio, membros do partido communista, fracassou quasi no ovo. A segunda tentativa, muito mais seria, que é a de agora, com a A. N. L., sob a direcção de Carlos Prestes, fracassou tambem, mas sem tragedia como na China. E só não se pode dizer que terminou em comedia, como previmos, porque esse fracasso acarretou um relativo abatimento em parte de certas camadas proletarias, sobretudo as que mais confiaram no exito do movimento aliancista.

10.º — A Alliança Nacional Libertadora não tem possibilidades de vida illegal. A sua composição social heterogenea, os seus frouxos laços organizatorios, a sua ausencia de qualquer disciplina interna e até ideologica, a sua direcção pequeno-burgueza, em que se misturavam elementos de todas as classes, de

todas as tendencias e de todas as idéas, a impossibilidade de ter por isso mesmo uma direcção centralizada e efficiente, os seus vertices dirigentes se balançando no ar sem ligação directa e seria com as massas profundas, tudo mostra que a A. N. L. não pode viver na illegalidade.

Organizações politicas revolucionarias illegaes são o privilegio da classe operaria. Só ella pode crear e sustentar na illegalidade a sua vanguarda organizada politicamente, porque as suas condições de vida, a sua concentração nas grandes cidades e grandes centros, nas fabricas e usinas, nos locais de trabalho, o seu papel dirigente junto ao aparelho de produção, facilitam essa organização. Porquê sobretudo a propria existencia da classe operaria é, em si, o factor mais subversivo da actual sociedade capitalista.

A classe operaria não tem possibilidade de organizar-se dentro desta sociedade senão lutando, senão violando a "legalidade burgueza". Quando a classe operaria pede augmento de salarios viola a "legalidade burgueza"; quando cruza os braços, e recusa a trabalhar, attenta contra a "ordem" burgueza; quando reclama o direito de palavra ou de reunião para seus partidos politicos ameaça as instituições burguezas. Mas, sem ella o capitalismo e a burguezia não podem viver. O capital precisa, para desenvolver-se, que a classe trabalhadora cresça constantemente. Mas quanto mais ella cresce mais ameaçado fica o capitalismo. A missão historica do proletariado é ser o cozeiro da sociedade capitalista. As leis e a legalidade burgueza não foram feitas para os operarios.

O proletariado vive e se organiza já na illegalidade, para conquistar, numa luta permanente, a sua legalização. Eis porque só o proletariado pode e PRECISA organizar-se ilegalmente.

A pequena-burguezia é incapaz de manter organismos politicos illegaes, de caracter estatal. As organizações, associações, ou que valha, "illegaes" da pequena burguezia são todas provisórias, ou momentaneas, passageiras. Os pequenos burguezes podem crear, transitoriamente, associações conspirativas, clubes, grupos terroristas, carbonarismos, etc. São esses os exemplos de organizações "illegaes" pequeno-burguezas que se conhecem.

Organizações, partidos de massa, illegaes, com caracter de classe mixto, é coisa impossivel e utopica. É o caso da A.N.L. Affirmar o contrario é desconhecer completamente a experiencia dos movimentos de massa, ou conspirativos, do passado, e as circunstancias e a formação da propria Alliança.

Tentar seguir por esse caminho seria, alem disso, alimentar as tendencias dos elementos aventurarios existentes na A. N. L., que não tem nenhuma disciplina politica de classe, nem base ideologica seria. E acabariam por confundir fatalmente o trabalho illegal, no sentido proletario-marxista, com a conspirata, a quarrelada, o golpismo.

Por outro lado, ficaram pairando no ar, como poeira levantada por um pé de vento, os ecos da ephemera agitação aliancista. Algumas de seus idéas mais elementares, pedaços esparsos de seu programma confuso, estão no ar. Isto se explica porque, embora muito mal expressas, de algum modo correspondem e certos anseios das massas; e depois, porque, o seu caracter vagoso presta ás mais diversas interpretações.

Ora, ellas servem para alimentar a demagogia nacionalista e pequeno-burgueza, e neste caso, são excelente caldo de cultura para um desenvolvimento ulterior da mystificação fascista e integralista; ora, servem para prestigiar a tapeação "democratica" das velhas rapozas da politica burgueza, e, neste caso, lhes podem fornecer um meio de chegar ás massas, canalizando o descontentamento destas para o jogo parlamentar e eleitoral da minoria da Camara. Os João Neves, Luzardo & Cia. já se enfeitam de novo e se preparam para um novo banho de popularidade.

Desta vez, a nova Alliança Liberal que se está formando já não terá mais aquelle caracter de ajuntamento da primeira; os seus lideres procuram tirar a lição da experiencia, tentando dar-lhe uma forma mais organizada e "politicamente" mais civilizada, a forma de um "partido nacional" oposicionista e esquerdizante.

Assim, se a vanguarda proletaria não se reorganizar em bases verdadeiramente marxista e leninistas, não souber ligar-se profundamente á massa explorada, e dirigil-a, por uma linha justa, na defeza de seus interesses reaes e claramente definidos, o movimento aliancista terá servido a dar, ao mesmo tempo, nova vida a uma grande camada de politicos burguezes, já liquidados e desmoralizados, e novo surto ao banditismo ultra-nacionatista dos integralistas.

Pretender sustentar, pois, a A.N.L. na illegalidade

A GREVE DOS GRAPHICOS

Aos primeiros rumores do fechamento da A. N. L. pela reacção, a vanguarda graphica, baseando-se na propaganda da greve geral, principiou movimentar-se no sentido de organizar uma greve politica de protesto contra o attentado reaccionario. Entretanto, esta greve politica fracassou, devido principalmente a que os trabalhadores graphicos não confiavam na direcção pequenoburgueza da A. N. L., exigindo actos que comprovassem a força que a A. N. L. vinha dizendo possuir. De outro lado, a confiança da corporação graphica em sua propria vanguarda era restricta e ella não se baseava em nenhuma organização, mas sim no prestigio individual dos militantes e varios "caudilletes" de officinas. Apoiamos desde o inicio a greve planejada, participando activamente de todos os preparativos. Fracassado o movimento planejado, militantes da vanguarda resolveram aproveitar de qualquer modo a agitação e a necessidade de uma resposta á reacção. As condições do trabalho e da existencia dos operarios graphicos das casas de obras tornaram possível que o resultado da agitação politica anterior fosse a paralisação do trabalho em varias officinas de obras. Nesse sector, combinavam-se todos os factores para uma grande luta grevista, de modo que a greve,

iniciada por um numero restricto de quadros, ampliou-se por cerca de quarenta casas de obras, que se declararam em greve pelos motivos mais diferentes. Deante da luta que se processava appareceram as primeiras falhas. A principal era a inexistencia, a incapacidade da direcção. Somente dois dias após a declaração da greve foi que a U. T. L. J. assumiu o controle do movimento, dando-lhe um programma.

No dia seguinte a policia espancava varios grevistas e directores do syndicato, cercando a sede da U. T. L. J. no intuito de atemorizar os operarios em greve e fazelos voltar ao trabalho.

Constatando a inexistencia de organização, a estagnação e o isolamento do movimento, a maioria dos quadros principiou a voltar ao trabalho, o que obrigou a vanguarda a organizar a retirada, cuja palavra de ordem foi dada no dia seguinte ao attentado policial. A greve não comprehendeu os quadros das grandes casas de obras, que, inexplicavelmente, não receberam ordem de paralisação. A derrota do movimento, cujo esmagamento foi evitado pela oportunidade da retirada, reflectiu por um recuo momentaneo da massa do syndicato. Entretanto, todas as condições objectivas que tornaram possível o movimento continuam existindo. O que é preciso é que a vanguarda empreenda uma nova campanha, abandonando a demagogia, a preocupação de "fazer poeira". É preciso antes de mais nada restabelecer a confiança da massa graphica em sua vanguarda. É isto só pode ser atingido pela applicação de novos methodos e encarando-se as questões seriamente e de modo justo. Essa a tarefa a que nos propomos e para sua realização chamamos todos os trabalhadores graphicos que sintam esta necessidade.

Os stalinistas, como de habito, pretendem fugir a responsabilidade de seus actos, lançando as mais torpes calumnias contra nós. O numero 180 da "Classe Operaria" accusa-nos de saboteadores e provocadores. A massa já conhece os methodos stalinistas. Os fracassos das acções do P.C.B. nunca é devido aos seus proprios erros. Segundo os stalinistas, o fracasso do P.C.B. sempre é devido... á "safadeza" de seus adversarios. Um partido que não confessa claramente, aos olhos da massa, as causas dos fracassos e os seus erros pretendendo fugir ao exame da questão pelos insultos aos seus adversarios, demonstra não gozar a confiança da classe que reclama dirigir e prova representar somente um obstaculo á acção do proletariado.

Agosto de 1935.

DEMETRIO.

O Fracasso da A.N.L. e as Tarefas da Vanguarda Operaria

(Conclusão da 5.ª pagina)

de, significa nutrir esses dois perigos. Incapaz de um trabalho illegal serio, continuo, proveitoso, os fracassos e insuccessos da A.N.L., nesse terreno, augmentarão a desmoralização no seu proprio campo, abrindo automaticamente as portas para que os descontentes e desesperados, os desiludidos e desanimados da luta "illegal", ou sigam para o campo fascista, ou vão bater palmas aos discursos da minoria parlamentar na esperança absurda de que "dentro da legalidade", e sob a direcção mais "habil" dos politicos "experimentados" da burguezia, a luta do "resultados, se bem que menores, mas mais garantidos do que os visados pela A.N.L."

12. — Nestas condições, não ha outro caminho senão o que os bolcheviques-leninistas vêm indicando: "Construir um novo partido revolucionario", um novo partido comunista capaz de reagrupar toda a vanguarda da classe operaria. Um novo partido que, armando com a arma theorica do marxismo e com a pratica revolucionaria do bolchevismo-leninismo, seja apto a tirar toda a experiencia dos erros passados e do fracasso definitivo do partido stalinista, e a conduzir, atravez as lutas illegaes combinadas com o aproveitamento das possibilidades de luta legal, as grandes massas exploradas da população, pela defesa de seus interesses, pela derrubada do regime capitalista.

É em seguida, fazer deste novo partido a secção brasileira duma nova internacional, da QUARTA INTERNACIONAL que virá preencher a vaga deixada pela Terceira, a Internacional Comunista, cuja liquidación formal, como direcção revolucionaria mundial, foi agora solemnemente declarada em Moseon.

Só nesta nova Internacional, o novo partido encontrará uma direcção revolucionaria e internacionalista, por meio da qual o proletariado brasileiro terá, na sua luta contra o Imperialismo, o apoio decisivo do proletariado de todo o mundo, especialmente do proletariado dos paizes imperialistas que exploram e escravizam as massas trabalhadoras do Brasil, de mãos dadas com os seus laços nacionaes, isto é, toda a burguezia brasileira, sem distincção, com o seu governo e todo o aparelho do Estado.

PELO NOVO PARTIDO REVOLUCIONARIO,
BOLCHEVIQUE-LENINISTA !

PELA IV INTERNACIONAL !

Julho de 1935.

O. C. DA LIGA COMMUNISTA INTERNA-
CIONALISTA (Bolcheviques-Leninista s)

"A Luta de Classe"

Nota da Redacção

Os distribuidores do nosso jornal estão autorizados a receberem as correspondencias, artigos e qualquer colaboração dos operarios, para serem publicadas em nosso orgão.

A COMISSÃO DE REDACÇÃO
D' "A LUTA DE CLASSE"

AUXILIAR A PUBLICAÇÃO REGULAR D' "A LUTA DE CLASSE"